

## Nem tudo que reluz é ouro

ARTUR CHINELATO DE CAMARGO

A partir desta edição, eu e vocês, amigos leitores, teremos um encontro mensal, no qual serão contadas histórias verídicas de produtores participantes do Projeto Balde Cheio, da Embrapa Pecuária Sudeste, com a devida permissão dos mesmos e a assinatura conjunta dos extensionistas que realizaram ou continuam realizando o trabalho nessas propriedades. Além disso, os mais diversos assuntos relacionados à atividade leiteira serão entremeados nesta seção, na forma de artigos, inclusive com a participação de leitores, que poderão sugerir temas que gostaríamos de ver abordados.

Por falar em Balde Cheio, esclareço que este não é um projeto de assistência técnica, mas, sim, de treinamento e capacitação de técnicos que atuam na extensão rural, ligados às entidades públicas, privadas ou mesmo a autônomos. Para mim, este é o elo mais importante da cadeia produtiva do leite e, ao mesmo tempo, o mais esquecido por todos, incluindo autoridades, pesquisadores e, até mesmo, produtores. Precisamos resgatar a extensão rural para o bem de nossa pecuária leiteira.

Voltando ao Balde Cheio, posso afirmar que o projeto inovou ao utilizar uma propriedade particular, de preferência, de pequeno porte (menos de 10 ha, mas se for menor e ainda por cima tiver dificuldades financeiras, melhor, para que sirva também como um exemplo de superação aos produtores que a visitarem), e

de cunho familiar, para que não haja interferência na comunicação, prejudicando o aprendizado. Tudo funciona como se fosse uma sala de aula prática, em que conceitos tecnológicos consagrados e novas técnicas de produção são discutidas e adaptadas para a realidade de cada propriedade rural e, por fim, aplicadas. A duração desse exercício de especialização em pecuária leiteira é de quatro anos, com visitas a cada três ou quatro meses de um instrutor capacitado e credenciado pelo projeto.

Teve seu início em 1998, mantendo até hoje a mesma essência, com apenas algumas correções ao longo do tempo. A principal foi atribuir responsabilidade aos extensionistas participantes. Até 2001, as informações relativas ao rebanho e às finanças, coletadas pelos produtores, eram trazidas para a Embrapa, onde os pesquisadores transcreviam os dados para fichas zootécnicas individuais e planilhas contábeis no computador. Esse procedimento tirava a oportunidade do extensionista de se desenvolver, pois ele atuava como um mero espectador. A partir de 2002, essas tarefas foram delegadas aos técnicos responsáveis pela propriedade. Partiu-se do princípio de que o conhecimento vem da máxima: fa-

zer-errar-corriger-aprender.

Outra situação que torna o processo de transferência de tecnologia ainda mais moroso dizia respeito a duas questões consideradas como tabus para muitos técnicos ligados à extensão. A interpretação da análise de um solo e a consequente recomendação de adubação e balanceamento de dietas de vacas em lactação. Até 2001, éramos nós, da Embrapa, que fazíamos ambas, gerando uma dependência nociva à evolução do técnico. Era tudo o que não queríamos.

A partir do ano seguinte, passamos a ministrar cursos desses dois assuntos, ficando muito claro o acerto da decisão, à medida que vimos crescer nos extensionistas as asas da independência. Mais recentemente, em 2005, com a contratação pela Embrapa de um verdadeiro craque no assunto irrigação, a dependência dos extensionistas em relação às empresas do ramo, quanto à elaboração de projetos, foi eliminada.

Em resumo, e novamente

ressaltando, o Balde Cheio não é um projeto de assistência técnica. Trata-se de treinamento de técnicos que possam assistir mais e mais produtores de leite espalha-

dos pelo Brasil, promovendo o desenvolvimento.

Mas como nem tudo são flores, existem problemas que precisam ser mencionados, no sentido de alertar os produtores de leite. Em várias ocasiões tanto empresas que atuam no setor como vendedores de algum insumo ou serviços, bem como técnicos que não participam do trabalho, têm usado o nome do projeto como chamariz, dizendo a produtores de leite que tal produto é muito utilizado no Balde Cheio, ou que ele próprio participa do projeto, e aí 'vendem o seu peixe'. Como antídoto contra esse mal, basta entrar em contato conosco, pessoalmente, por telefone, e-mail, fax, carta, ou então, tambor, sinais de fumaça ou

pombo-correio, tirando suas dúvidas.

Infelizmente, o produtor rural é muito crédulo. Ele acredita em muitas coisas que falam para ele, sem checar as informações. Para isso lembre-se do que digo há vários anos no início de minhas palestras. "Para ganhar dinheiro no Brasil é preciso seguir três regras: 1ª - Duvide de todo mundo, menos de você; 2ª - Vá visitar para ver se o que o fulano disse é verdade, lembrando do que citou Mark Twain, escritor americano: 'viajar cura ignorância'; 3ª - Conte com o apoio de um extensionista capacitado e comprometido em ajudá-lo".

Para vocês verem aonde chega a ousadia de pessoas inescrupulosas, eu soube, há algum tempo, que eu havia sido escalado para proferir uma palestra em uma cidade paulista. Por acaso, um produtor conhecido desse município ligou para mim a fim de sanar algumas dúvidas e, ao final do telefonema, perguntou se eu já estava melhor de saúde. Respondi que não estivera doente recentemente, a não ser pela dor de cabeça de ver meu time de futebol jogando na 2ª divisão em 2008. Indaguei a razão da pergunta, e ele me respondeu que estivera na palestra da qual não participei e que o organizador do evento comunicara às pessoas que, infelizmente, eu não pudera ir devido a problemas de saúde. Já que estavam todos lá, o vigarista aproveitou e fez uma apresentação dos produtos que comercializava.

O nome Balde Cheio foi construído com muito suor, milhares de quilômetros rodados e ausências constantes do lar. É hoje um nome forte, que pode ser traduzido por seriedade, comprometimento e responsabilidade. Portanto, veja bem o que você está levando para casa, porque nem tudo que reluz é ouro. ■



Artur Chinelato de Camargo, da Embrapa Pecuária Sudeste - São Carlos, SP; e-mail:

artur@cpps.embrapa.br.